

Faces Adonianas

Maria de Lourdes Netto Simões

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SIMÕES, M. L. N. Faces Adonianas. In: *Pluralidades: patrimônio cultural e viagem: relendo a literatura sul-baiana* [online]. Ilhéus: Editus, 2018, pp. 136-149. ISBN: 978-85-7455-478-5.

<https://doi.org/10.7476/9788574555300.0011>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Saul Mendez - Mata Atlântica remanescente

FACES ADONIANAS

O escritor grapiúna Adonias Filho, ficcionista da Região Sul da Bahia, morto em 1990, deixou uma produção ficcional que enriquece a Literatura Brasileira e acrescenta destaque à Literatura Baiana, no cenário nacional. Entretanto, não só! Além da obra ficcional, merece referência o seu trabalho ensaístico e, numa consideração cronológica, finalmente, os livros realizados da sua perspectiva de avô, os dedicados aos seus netos; esses últimos são escritos menos ambiciosos quanto ao artesanato discursivo, mas nem por isso menos tocantes.

No ano de 2015, a cidade de Itajuípe, onde nasceu, na Bahia, homenageou o seu escritor com um singelo Memorial, onde estão recolhidos muitos dos seus pertences. Lá, o visitante depara-se com a cadeira na qual, toda manhã, Adonias sentava-se para escrever (segundo ele, desde sempre a lápis). Também, lá estão a mesa e a máquina Remington onde, depois de várias leituras, os originais eram passados a limpo. As suas revisões (tantas) aconteciam também quando fazia a transferência dos manuscritos. Conforme ele próprio em várias oportunidades afirmou, inúmeras vezes refazia episódios e completava ambientes; reescrevia muito. Em tal processo, a atenção maior era sempre para a linguagem; e afirmava que, por isso mesmo, ele próprio era quem datilografava os seus romances.

Quando do seu discurso de posse para ocupar a Cadeira 21 na Academia Brasileira de Letras, em 1965, recebido por Jorge Amado, Adonias Filho afirmou a sua crença na palavra e referiu-se à liberdade como exigência primeira de todo e qualquer processo criador. Essa liberdade, para ele um *estado de vida*, foi a responsável por sua ficção, hoje traduzida em vários idiomas.

O imaginário do ficcionista é povoado pelas vivências do menino Adonias nas terras do cacau, onde percebeu e apreendeu os mistérios da natureza humana. São as lembranças do garoto que acompanhou a saga de violência, ódio, ambição e amor. Tudo o que viu e ouviu. Como ele próprio afirma no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ADONIAS FILHO, 1965, p. 23): “seria imperdoável não mover o tempo fazendo-o recuar, retomando o passado, como a demonstrar que a infância não morre”. Dessa forma, quando se debruça para escrever, é o menino que, na verdade, escreve. As observações da terra, a vivência e a memória da criança não se deixam sufocar pelas teorias, interpretações e insinuações do adulto. O mundo do adulto não consegue destruir a confiança no homem, aquela que aprendeu na infância. Nisso consiste o equilíbrio da sua ficção. É a sua liberdade exercida. É a sua opção definida. Liberdade e memória, portanto, são os fundamentos básicos do seu processo ficcional. E bem como ele dizia, o homem guarda a memória da infância.

Do homem público não vou aqui me ocupar embora, como todos sabem, ele tenha assumido vários postos de destaque na sociedade brasileira. Nestas considerações, vou preferir um olhar sobre as várias faces da sua produção: a crítica, a ficcional, inclusive a infantojuvenil.

Adonias, o crítico

A sua experiência crítica muito valeu para a sua produção ficcional, foi o que ele mesmo afirmou em várias oportunidades. Inicialmente, resultante das suas leituras, fez uma espécie de diário. Reuniu essas observações críticas sobre Dostoiévski, Joyce, Kafka, Proust, Elliot, Faulkner, principalmente, que publicou no Jornal do Escritor (1954). Conforme declarou, desses escritores recebeu influência literária.

Participou da geração que conviveu com a virada teórica dos anos 50 e, no Brasil, sempre na vanguarda, engrossou as fileiras dos adeptos do New Criticism. Colaborou em vários jornais e suplementos literários (**Correio da Manhã**, **A Manhã** (1944 e 1945); **Jornal de Letras** (1955 a 1960) e **Diário de Notícias** (1958 a 1960), do Rio de Janeiro. Em São Paulo, em Cadernos da **Hora Presente**, **Estado de São Paulo** e **Folha da Manhã**. Por outro lado, no entanto, com olhar ainda impressionista, também exerceu uma crítica ferina, através do pseudônimo de Djalma Vianna. Conforme afirmou em entrevista a Edla Steen (1981, p. 163), o pseudônimo “foi uma invenção de Jorge Lacerda que, então, dirigia o suplemento de Letras e Artes, de **A Manhã**. Deu-me o pseudônimo e me pediu o planfeto com ironia e agressividade”. Então, entre 1944 e 1949, através do referido Suplemento, na contramão, criticava outros suplementos literários, defendendo uma literatura conservadora.

Assim, a produção crítica adoniana se realiza em duas faces: o crítico literário Adonias Filho e o polêmico Djalma Viana. São atividades, pode-se dizer, opostas; o primeiro, de respaldar teórico; o segundo, sobre o cotidiano literário. Isso foi num momento histórico de mudança paradigmática, transição e efervescência teórica, quando se instaurava o Formalismo Russo e, em seguida, o Estruturalismo e New Criticism; quando, ultrapassando uma crítica impressionista, se passou a buscar a *literariedade*, na obra literária. Assim, enquanto o crítico Adonias Filho optava pela Nova Crítica, o seu pseudônimo Djalma Viana, em postura impressionista, realizava a crítica da tradição: opinativa, informativa, polemizadora.¹

Do caminhar crítico-literário de Adonias Filho, além dos muitos ensaios, artigos e resenhas, vale ressaltar: **Modernos ficcionistas brasileiros** (1958); **O romance brasileiro de crítica** (1969); **O romance brasileiro de 30** (1973). Também realizou traduções, biografias e, é aqui importante referir, o ensaio sociocultural **Sul da Bahia: chão de cacau - uma civilização regional** (1976), significativo por analisar as contribuições culturais que justificam uma referência de civilização cacauífera no Sul da Bahia.

¹ Sobre a crítica de Adonias Filho e Djalma Viana, vale ler, de Adeitalo Manoel Pinheiro: “Adonias e Djalma Viana, uma crítica de duas faces”. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 9 – 16, Jun 2001.

O ficcionista, acadêmico da Academia Brasileira de Letras

Autocrítico, desde o início, perseguiu a produção do melhor texto. Nessa exigência, não publicou o seu primeiro livro, **Cachaça**. Depois, destruiu a primeira versão de **Corpo Vivo**, em 1938, retomando o texto em 1954 para, afinal, publicá-lo em 1962. Como ele mesmo explica, “o interesse da crítica por **Servos da Morte** (1946) foi tão imprevisto que me levou a examinar e reexaminar inteiramente a engenharia e a fabulação de **Corpo Vivo**. E o resultado foi que, pelo amor mesmo que tinha ao romance, resolvi queimá-lo para escrevê-lo novamente dentro da minha já amadurecida percepção da vida e do mundo. A nova versão do romance, porém pediu tempo e, muito mais que tempo, exigiu uma permanente vigilância crítica” (STEEN, 1981, p. 163).

Esse rigor crítico e o labor sobre o discurso podem ser observados em toda a sua produção ficcional. O certo é que o trabalho discursivo de Adonias Filho deixa entrever a tradição cultural grega (mais no pendor para a tragédia) e a judaico-cristã (do sofrimento humano). Nesse fazer, realiza diálogo intercultural a partir de “dois grandes mediadores, considerados por Vera Romariz (1999) como: o sagrado (palavras dos deuses) e a tradição oral e laica (memória dos homens).

A sua ficção tem estrutura, como na tragédia grega, forjada a partir de um prólogo que anuncia o tema do texto. Por vezes tem caráter de introdução (**Léguas da Promissão**); por vezes, de síntese (**As Velhas, Luanda Beira Bahia**); por outras de conclusão, por inversão estrutural (**Corpo Vivo, O Forte, Noite sem Madrugada**). Tal processo estrutural desencadeia e orienta a estrutura e fortalece a memória do próprio texto e, já em transcendência de si mesmo, a memória do leitor.

O mundo adoniano possui uma espécie de força mágica, elemento textual que funciona como dissimulador da violência e da luta pelo poder, inerentes ao território cacauero da Região Sul da Bahia, que conta. O berço mítico do autor de **Corpo Vivo** modifica-se ficcionalmente por carga simbólica, particularmente evidenciado em discurso singular.



Mari Guimarães - Lagoa Encantada

A recorrência ao real é a da memória do tempo passado, pelo processo de construção em recuo permanente, onde o tempo existe dentro do tempo. O contar vem da boca do narrador ou do personagem, por vezes de gerações diferentes. É o contar de oitava, o ouvido, como em **As Velhas**, quando Marimari relata para Tonho Beré e Uirá as histórias de Lina de Todos que ouvira da sua mãe Asa: “Cada plantio novo de cacau teve suor de homem como adubo” (ADONIAS FILHO, 1975, p. 32).

No seu ensaio sociocultural **Sul da Bahia, chão de cacau**, Adonias Filho diz que “em todo esse tempo, nas funduras das grandes florestas, em tudo o que foi uma guerra contra a natureza, gerou-se uma violenta saga humana no ventre mesmo da selva tropical” (AF, 1981, p. 20). O que antes fora vivenciado, agora é transformado em ficção, por relato dos personagens presentes, ou através das lembranças do que disseram outros referidos.

O acontecer ficcional, ligado à memória seja do narrador seja do personagem, flui aligerado na ideologia vivenciada. A estrutura do poder revelador da ambição e da dominação (sustentadas pela violência, pelo medo, pelo ódio) própria do território, fundamenta a obra. A violência, o medo e o ódio só são superados por valores como o amor, a promessa e a honra.





Légua da Promissão - Capa de Marius Lauritzen Bern/ Caio Márcio Salazar e Oliveira

Então, a “realidade” ficcional, nesses momentos lírica, se distancia da realidade das terras do cacau.

Os narradores da ficção adoniana são, na maioria das vezes, habitantes do território que, enquanto lembram as violências e os ódios, buscam na metáfora da bala, do sangue, da vingança (partes do território) “gente de uma nova raça” (AF, 1968, p. 101), como afirma o Velho da idade do território, de **Légua da promessa**.

Enquanto os personagens vivem em violência, o narrador-personagem busca extirpá-la dos seus descendentes. Esse processo de busca é desenvolvido pela imperativa realização do desejo, como em **As velhas** - “Eu quero os ossos” (AF, 1975, p. 2) - e, através dele, é redimensionado o mesmo espaço; ou pela procura de um novo caminho, como em **Corpo vivo**, quando “Cajango se entenderá com a serra, ela o abrigando até fazer-se esquecido [...] as peles de suas feras vestirão a ele e à mulher, o alimento em

suas caças e suas ervas, os braços se encontrando com suas árvores” (AF, 1962, p. 133). De uma forma ou de outra, busca o estado ideal onde o homem encontre, em existência e essência, a explicação e o sentido do viver. Por isso mesmo, há a necessidade de desvendar o passado para, a partir dele, descobrindo-se, conhecer-se. Conhecendo-se, retomar-se. As raízes estão no território.

O avançar exige sempre o retorno para o conhecimento da origem. Desse conhecimento - “a vida dela que ela contou a mãe e mãe me contou. Disso eu conheço” (AF, 1975, p. 113) - resulta a libertação, o crescer “juntos e inseparáveis, homem e mulher como um só corpo” (AF, 1971, p. 119). Assim, ao refazer o trajeto da vingança, do ódio, do sofrimento, constrói-se, por outro lado, o caminho da vida, pela lição ouvida ou vivida (contada ou sentida).

A aproximação ou o distanciamento das vivências do personagem do fato narrado determinam, mais ou menos, o seu comportamento violento. Enquanto é o personagem quem conta a sua própria história, compromete-se mais e, dificilmente, liberta-se da violência, aniquilando-se mesmo pela morte, “a boca sem um grito” (AF, 1952, p. 164), como Alexandre, em **Memórias de Lázaro**. Quando o narrador é mais distanciado, consegue, por isenção, afastar ou modificar a violência e, até mesmo, transformá-la em amor, como em **Corpo vivo**, “Cajango e a mulher estão ali, em alguma parte, unidos os corpos que vão gerar outros homens” (AF, 1962, p. 132).

Em algumas circunstâncias, quando o narrador é re-narrador por processo de memória na memória, a distância do tempo enfraquece o sentimento dos fatos, como em **As velhas**, pois a memória é formada de *oitiva*, “porque tenho tudo nos ouvidos” (AF, 1975, p. 114). Finalmente, na mistura das memórias, devido a vários narradores, como em **Corpo vivo**, ocorre a memória próxima ou afastada, vivida, ouvida ou expectada. Por essas estratégias, os personagens, muito mais do que elementos da história, funcionam como fontes de informação do passado, elementos fundamentais na construção do discurso ficcional. O personagem que conta o que ouve ou ouviu, em momentos, traz a memória coletiva das tradições, dos mitos, do folclore.

O processo reiterativo do contar e recontar, característico do discurso adoniano, a proporção que rediz o relato, contribui para o fortalecimento da verossimilhança ficcional que se situa na ambivalência entre verdade e mito, através da estrutura textual. O presente resulta do passado e engendra o futuro. O tempo imbrica-se em passado e presente, onde um se faz existir no outro. Passado e presente pressupõem um futuro, formando uma só totalidade significativa.

O avançar e retroceder do jogo temporal revelam a tendência estético-filosófica do autor, coerente com a sua concepção da condição humana, com a sua preocupação com o destino do homem.

Um *tom* profético revela, por vezes, essa preocupação. Em **Corpo Vivo**, a morte do bando já vinha sendo anunciada na voz de Hebe, que repetia “mataram os passarinhos de Deus”. Em **As velhas**, Tari Januária manda buscar os ossos de Pedro Cobra e Marimari “veio em lugar dos ossos do pai” (AF, 1975, p. 124). Em **Servos da morte**, Rodrigo pressente que matará Lisinha e avisa: “é preciso que você esteja prevenida” (AF, 1946, p. 216)

A memória somente é olvidada por busca do ideal, libertação da vingança, liberação do ódio em amor. A afirmação de que os homens do mundo ficcional adoniano “são bichos da terra” é verdadeira. Realmente, como afirma Jorge Amado no seu discurso de saudação a Adonias Filho na Academia Brasileira de Letras, os seus personagens vivem “num mundo de espantos e ameaças, de sina cruel e de erguidos muros de ódio” (AMADO, 1965, p. 51). Em verdade, o ódio é sentimento propulsor de vidas; o ódio ligado à tragicidade dos destinos. O estigma marca o personagem adoniano. Em **Servos da morte**, Angelo (que é Elisa renascida) vive em função da destruição de Paulino: “a quem pertencerá a mão encarregada de destruir os destinos? [...] adivinhava numa visão sobre-humana, que retornaria à vida no corpo do filho [...] para se vingar” (AF, 1946, p. 59). Em **Memórias de Lázaro**, Alexandre é filho de uma louca; é Lázaro por ter nascido de novo, por ter vivido (sem ser leproso) as consequências da lepra; é o ódio de Rosália destinado a destruir o vale. Cajango, em **Corpo Vivo**, é criado por Inuri, o tio índio, determinado para a vingança. Vive em ódio e é alimentado por ele. Em **Luanda Beira Bahia**, Iuta e Caúla vêem o seu destino marcado pelo estigma do incesto e suas vidas são ceifadas tragicamente, “encostado na parede curvado, o revólver na mão, o Sardento (...) o seu próprio sangue no sangue dos filhos” (AF, 1971, p. 138). Em **Léguas da promessa**, Imboti, morta violentamente, ressurgue nas balas para a vingança, “ela estará no seu rifle” (AF, 1968, p. 26). Os personagens adonianos configuram-se vítimas do destino imposto e do qual têm consciência, pois “coisas existem, na nossa vida, infalíveis como a própria morte” (AF, 1968, p. 43). A força e a rudeza dos personagens e do ambiente, Adonias Filho consegue através da metáfora dura e fria, da metáfora contundente. A sua linguagem, rica em hipérbatos, é contida e enxuta.

Uma força maior do que ódio ou vingança move, todavia, os personagens adonianos: o valor da promessa, do amor, da esperança. É para cumprir uma promessa à mãe que Tonho Beré, em **As velhas**, enfrenta o agreste das matas, luta e ódio; para cumpri-la em amor. Da mesma forma, é pelo amor que Cajango, em **Corpo Vivo**, liberta-se do ódio que move sua vida para a vingança e, com Malva, busca o ninho, reduto da paz. É por amor que Caúla e Iúta, em **Luan-da Beira Bahia**, morrem. É por amor que, em **O forte**, Jairo e Tibiti rompem com o passado. É ainda por amor que Vilma, em **Noite sem madrugada**, luta contra tudo e todos para salvar Eduardo da prisão injusta. O aspecto agreste e duro, próprio desses personagens, adquire, pelo amor, a força transformadora e lírica. A mulher é paz, é força para o homem. Emprêsta amor onde existe ódio, resgata o personagem de sua sina, do seu destino de sangue. Há, pois, por trás da aparente violência e do ódio, o pulsar da esperança no homem. Por trás da crueza das ações violentas, há o *lirismo noturno* próprio da esperança e do sentimento puro, valores que, ao final, são memória preservada incorporada como postura da consciência da liberdade do escritor. A sua obra ficcional busca o sentido profundo da existência.

Estórias do avô Adonias Filho

Já mais velho, quando volta a viver no seu chão, a fazenda em Itajuípe, durante uma homenagem recebida por ocasião dos seus 70 anos, Adonias Filho diz (1985): “É preciso ser velho, é preciso ter vivido bastante, é preciso ter viajado metade do mundo, de Nova Iorque a Luanda, de São Paulo a Paris, para saber que nada vale mais ou tanto quanto o nosso pedaço de chão”. A propósito dessa afirmação, o seu amigo e escritor Hélio Pólvora (1986) observa: “Ser velho, porquê, para quê? [...] Foi o que me perguntei, e ainda me pergunto. Adonias Aguiar Filho acaso desejaria advertir que a velhice é uma fase da vida em que a sabedoria amadurece — e, por conseguinte, se faz orientadora?” Para Hélio Pólvora, a frase esteve sempre enigmática. Para mim, não. Entendi isso, quando me debrucei sobre a sua produção infantojuvenil.

Em 1973, Adonias publicou a alegoria **Uma nota de cem**, e **Uma nota de mil**. Curiosamente, embora títulos diferentes, o texto é o mesmo, somente diferindo o valor da nota. No primeiro, publicado pelas Edições de Ouro, a nota é de cem cruzeiros; no segundo, publicado no mesmo ano pela Tecnoprint, a nota é de mil cruzados. **Uma nota...**, uma alegoria bem humorada, suscita reflexões sobre os homens, sobre a sociedade.

Mas o primeiro livro dedicado aos três netos - Maria de Lourdes, Caio Márcio e Rachel - foi publicado em 1978: *Fora da pista* – uma aventura de um velho e um garoto, num caminhão pelas estradas sul-baianas. A seguir, *Um coquinho de dendê* (1985), integrante da coleção paradidática *Zipt-Zapt*; esse é dedicado a Thaís e Rosita Aguiar. Também alegórico, enfatiza a importância da família, através das peripécias do personagem um coquinho de dendê. O livro *Os bonecos de seu Pope* (1989) traz à cena um velho que, através dos seus três bonecos Quincas, Chico e Gaspar, conta histórias divertidas e cheias de ensinamentos. Depois, publicado postumamente em 1993, *O menino e o cedro* trata de amizade e amor entre o menino Grilim, a cachorra Manió e o cedro chamado Vermelho. Esses livros foram escritos já no outono da vida, no recolhimento da sua fazenda, em comunhão com a natureza, em convivência com o povo simples da fazenda. Despojados das estratégias e artifícios discursivos que marcaram a sua produção ficcional e lhe deu celebridade no cenário nacional, essa sua obra infantojuvenil é simples, alegórica, ressaltando valores éticos, ecológicos, onde a solidariedade e o respeito humano têm lugar.

Assim... é uma trajetória longa e diversa.

Por anotações em seu **Jornal de um escritor** - 1943 – 1946 (publicado pelo Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Cultura, 1954), pode-se depreender muito do seu olhar crítico sempre mais acurado para as questões de conflito interior dos homens. Por esses caminhos, de modo geral, a sua obra toma sempre o social como entrada para se ocupar dos dramas existenciais. Isso, por recursos diversos do discurso ficcional, pode-se observar ao

longo da sua trajetória. Se na obra ficcional consagrada, que o levou à ABL, notabilizou-se pelo forte discurso com pendor trágico; já na literatura que publicou, no ocaso da vida, para os seus netos optou pelo simples, ecológico, em defesa do meio ambiente. Embora recursos diversos, apelos diversos e público-alvo diverso, no entanto, o seu olhar sensível para o mundo e as gentes apresenta-se, sempre, fiel e coerente, perscrutando dramas interiores e éticos. Assim, ultrapassa o regional para o universal, quando se volta para a questão da condição humana, seus anseios e medos, seus ódios e amores, sua força e fragilidade - o próprio mistério da vida.

REFERÊNCIAS

Adonias Filho

Servos da morte. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, [1946] 1975.

Memórias de Lázaro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, [1952] 1974.

Jornal de um escritor - 1943 – 1946. Rio de Janeiro. Serviço de Documentação. Ministério de Educação e Cultura, 1954. Col. Os Cadernos de Cultura

Corpo vivo. Rio de Janeiro, José Olympio/ Civilização Brasileira, [1962] 1974.

O forte. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, [1965] 1974.

Discurso de posse. In: **A nação grapiúna.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965.

Léguas da promessa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, [1968] 1978.

Luanda Beira Bahia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, [1971] 1978.

As velhas. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, [1975] 1978.

Sul da Bahia, chão de cacau. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, [1976] 1981.

Entrevista a Edla Van Steen, 1981. In **Viver & Escrever.** 2. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008. P. 161 – 168.

A Noite sem madrugada. São Paulo, Difel, 1983.

Entrevista, 1983. Site do Memorial Adonias Filho. www.adoniasfilho.com.br/entrevistas.html. Acesso 06/06/2015.

Amado, Jorge Discurso de saudação. In: **A nação grapiúna.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965

Romariz, Vera. **Palavras de deuses, memória de homens. Diálogo de culturas na ficção de Adonias Filho.** Maceió, EDUFAL, 1999.